

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

João Vitor de Carvalho Melo¹

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito²

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é localizar a representação do frade católico proposta por Clodoaldo Freitas no livro *Em roda dos fatos* (1911) no contexto das disputas anticlericais piauienses do início do século XX. De modo específico, enseja-se, ainda, examinar o discurso de elogio ao estado laico proposto por Freitas na mesma obra, buscando flagrar as estratégias discursivas adotadas pelo autor a fim de elaborar a propaganda literária da separação entre o Estado e a Igreja. No intento de alcançar os resultados propostos, este trabalho utilizar-se-á, como material-base, dos capítulos do livro intitulados *A Igreja e a República*, *Em frente do abismo* e *O perigo negro*. Para além da publicação de 1911, serão operacionalizados os aportes bibliográficos de Pinheiro (2001), Queiroz (2011; 2015), Carvalho (2017), Castelo Branco e Cardoso (2020), dentre outros pertinentes a esta pesquisa.

Palavras-chave: anarquista, república, Clodoaldo Freitas

IN THE REPUBLIC, ANARCHIST IS THE FRIAR": THE REPRESENTATION OF THE CATHOLIC FRIAR IN THE BOOK *EM RODA DOS FATOS* (1911), BY CLODOALDO FREITAS.

ABSTRACT

The main objective of this article is to locate the representation of the Catholic friar proposed by Clodoaldo Freitas in the book *Em roda dos fatos* (1911) in the context of the anticlerical disputes in Piauí in the early twentieth century. Specifically, it is also intended to examine the discourse of praise for the secular state proposed by Freitas in the same work, seeking to catch the discursive strategies adopted by the author in order to elaborate the literary propaganda of the separation between the State and the Church. In order to achieve the proposed results, this work will use, as material base, the chapters of the book entitled *A Igreja e a República*, *Em frente do abismo* and *O perigo negro*. In addition to the *Em roda dos fatos*, the bibliographic contributions of Áurea Pinheiro, Teresinha Queiroz, Cristian Santos, Pedro Vilarinho Castelo Branco e Elizângela Cardoso, among others pertinent to this research, will be operationalized.

Keywords: anarchist, republic, Clodoaldo Freitas

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: jvitorcarmelo2@gmail.com

² Doutor em História. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí. Colíder do GT História, Cultura e Subjetividade (DGP/CNPq). E-mail: fabioleobrito@hotmail.com.

"EN LA REPÚBLICA, ANARQUISTA ES EL FRAILE": LA REPRESENTACIÓN DEL FRAILE CATÓLICO EN EL LIBRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS.

RESUMEN:

El objetivo principal de este artículo es situar la representación del fraile católico propuesta por Clodoaldo Freitas en el libro *Em roda dos fatos* (1911) en el contexto de las disputas anticlericales en Piauí a principios del siglo XX. Específicamente, se pretende también examinar el discurso de alabanza al Estado laico propuesto por Freitas en la misma obra, buscando rastrear las estrategias discursivas adoptadas por el autor para elaborar la propaganda literaria de la separación entre el Estado y la Iglesia. Para alcanzar los resultados propuestos, este trabajo utilizará, como material de base, los capítulos del libro titulados *A Igreja e a República*, *Em frente do abismo* y *O perigo negro*. Además del *Em roda dos fatos*, se operacionalizarán las contribuciones bibliográficas de Áurea Pinheiro, Teresinha Queiroz, Cristian Santos, Pedro Vilarinho Castelo Branco e Elizângela Cardoso, entre otras relevantes para esta investigación.

Palabras clave: anarquista, república, Clodoaldo Freitas

Introdução

Nas hostes republicanas piauienses, Clodoaldo Freitas foi um dos mais prolíficos escritores a realizarem a propaganda pela separação efetiva entre a Igreja e o Estado durante a aurora do século XX. Ao lado de nomes como Miguel Rosa, Higino Cunha, Matias Olímpio e Abdias Neves, Clodoaldo Freitas participou ativamente de um movimento de intelectuais congregados em torno de valores racionalistas e progressistas, partidários de um modelo de sociedade amparada na valorização dos pressupostos científicos e no abandono das decodificações religiosas e pretensamente supersticiosas da realidade. Cognominados sob o epíteto de anticlericais, essa geração marcou a literatura teresinense nos primeiros anos do século XX através de textos de buscavam vetar a disseminação do conhecimento teológico, entendido como supersticioso e fanático, e combater a “ingerência do clero na vida privada ou nas atividades públicas”³

³ PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo:** as tensões entre clericais e anticlericais em Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina : Fundação Monsenhor Chaves, 2001, p. 93-94.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023 , ISSN: 2675 - 3901 p. 256 – 272, agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

Sendo o anticlericalismo um termo “complementar e irreconciliável” ao conceito de clericalidade⁴, o surgimento do grupo ao qual Clodoaldo Freitas pertenceu corresponde à avaliação de que, mesmo com o fim do regalismo⁵ monárquico, a Igreja ainda dominava muitos aspectos da vida prática do homem comum, seja no campo ideológico, seja na vida parlamentar do Estado, instituição que deveria ser regida pelos princípios da laicidade e impessoalidade. Ligados à Maçonaria e à vertente política liberal, as diversas obras produzidas pelos literatos adeptos do livre-pensamento comungam no sentido de criticar a Igreja, suas práticas doutrinárias e suas cosmovisões, consideradas ameaçadoras para o projeto de sociedade que esses autores pleiteavam, pautado, sobretudo, na eleição do uso da razão e do incentivo às ciências como motores de uma evolução cultural e social da comunidade piauiense.

Difundida entre um povo com fervorosa devoção cristã, as obras anticlericais foram recebidas com inquietação e revolta pelas parcelas evangelizadas da sociedade piauiense. Dedicada a uma sociedade de maioria católica, a literatura de propaganda secular fora adversada pela imprensa católica local, deflagrando um período de disputas acerca dos sentidos e dos limites da prática religiosa no surgente sistema republicano⁶. Participante ativo desse embate, considerável fração dos escritos produzidos por Clodoaldo Freitas nesse período tem como finalidade contribuir com a divulgação do projeto antirromano, especialmente através da confecção de textos que retratavam os comportamentos dos eclesiásticos católicos de maneira incoerente e satírica. Dentre os textos que Freitas produz com maior teor de acidez ao catolicismo, estão aqueles reunidos na obra *Em roda dos fatos*⁷, coletânea de 43 crônicas produzidas nas cidades de Teresina, São Luís e Belém entre os anos de 1902 e 1906, momento de maior efervescência de publicações de caráter anticlerical no Piauí.

Nos artigos dessa coletânea, Clodoaldo Freitas concentra suas reprovações, majoritariamente, em torno do frade⁸ católico, cristalizando a imagem desses ministros da Igreja como “homens sinistros, aves agourentas de todos os infortúnios [...]”, capazes de abolir a ordem e o progresso democráticos em favor da Igreja e seu domínio sobre “[...] todos os poderes

⁴ PINHEIRO, 2001, op.cit., p. 93.

⁵ Segundo Anjos (2019), o regalismo brasileiro corresponde a um sistema onde a nomeação dos bispos e a publicação das bulas papais em território brasileiro tornavam-se um privilégio do Imperador em troca da manutenção financeira da instituição católica vir custeada pelos cofres públicos. In: ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A catequese paroquial e familiar como tática educativa ultramontana na Diocese de São Paulo (1960-1874). In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.); CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele (Org.). **História, catolicismo e educação**. Teresina: EDUFPI, 2019.

⁶ PINHEIRO, 2001, op.cit., passim.

⁷ FREITAS, Clodoaldo. **Em roda dos fatos**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

⁸ Indivíduo que pertence a uma ordem religiosa; monge.

da terra e do céu, o material e o espiritual”⁹. Para Freitas, o frade seria o portador da contravenção aos princípios ilustrados e laicos do pacto republicano à medida que divulga uma doutrina pautada na ilusão sobrenatural e que responde não ao chefe do Executivo Nacional, mas ao papa, uma autoridade religiosa estrangeira. Nessa direção, os apontamentos de Freitas convergem em uma interpretação da República como um regime em disputa, localizando o corpo eclesiástico do catolicismo romano como uma ameaça constante à ordem pública republicana, sistema considerado por Clodoaldo Freitas como fundamental para a efetiva prática cidadã.

Partindo dessas considerações, relata-se que o objetivo principal deste artigo é localizar a representação do frade católico proposta por Clodoaldo Freitas no livro *Em roda dos fatos* no contexto das disputas anticlericais piauienses do início do século XX. De modo específico, enseja-se, ainda, examinar o discurso de elogio ao estado laico aventado por Freitas na mesma obra, buscando flagrar as estratégias discursivas adotadas pelo autor a fim de elaborar a propaganda literária da separação entre o Estado e a Igreja. No intento de alcançar os resultados propostos, este trabalho utilizar-se-á, como material-base, de quatro capítulos do livro, intitulados *A Igreja e a República*, *Em frente do abismo* e *O perigo negro*, coletados da reedição realizada em 1996 pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Para além do uso dessas fontes, serão operacionalizados os aportes bibliográficos de Áurea Pinheiro, Teresinha Queiroz, Cristian Santos, Pedro Vilarinho Castelo Branco e Elizângela Cardoso, dentre outros pertinentes a essa pesquisa.

Um literato entre o céu a terra: o anticlericalismo republicano de Clodoaldo Freitas

Pertencendo a uma família onde a vocação religiosa era uma prática resguardada há gerações, o escritor oeirense Clodoaldo Severo Conrado de Freitas cresceu envolto pela centelha do pensamento católico, ideologia da qual se apartara ao longo de sua vida. Figurando como uma das parentelas mais eminentes dos oitocentos no Piauí, os Freitas produziram um considerável número de membros que vieram a se dedicar ao sacerdócio religioso, a exemplo dos padres José Dias de Freitas e Doroteu Dias de Freitas e do cônego Claro Mendes de Carvalho¹⁰. Em uma sociedade onde a falta de autonomia diocesana afetava a execução das

⁹ FREITAS, 1996, op. cit, p. 143.

¹⁰ QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011, p. 77.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

demandas religiosas das elites provinciais¹¹, a figura do padre emerge como uma autoridade que se expande para além do limite teológico, intermediando as relações entre a Igreja e os interesses dos potentados regionais através da sua atuação na “vida socioeconômica, cultural e política” piauiense¹².

Não se excetuando à sina de muitos dos jovens vinculados às tradicionais famílias católicas locais¹³, Clodoaldo Freitas segue o percurso de seus antepassados, rumando ao engrandecimento do nome de sua estirpe através da vocação eclesiástica. Com o intuito de ingressar na carreira presbiterial, Clodoaldo Freitas é enviado no início dos anos 1870 para o Seminário das Mercês, na cidade de São Luís, “famoso instituto de humanidades” destinado à preparação para os exames admissionais no Seminário Maior de Santo Antônio, destinado “exclusivamente à formação do sacerdócio”¹⁴. A experiência na capital ludovicense, no entanto, mostrou-se aquém das aspirações mantidas pelos Freitas acerca do futuro padre Clodoaldo. O contanto com o ambiente sacralizado despertou não a entrega abnegada a Deus, mas a repulsa contra a instituição que reivindicava agir em Seu nome.

Segundo sugere Higino Cunha, os principais motivos para a desilusão de Clodoaldo Freitas com os serviços religiosos foram o contraste percebido entre os ensinamentos doutrinários da Igreja e os comportamentos heterodoxos praticados pelos eclesiásticos de sua família e do seminário maranhense, a interferência que as discussões que orbitavam em torno da Questão Religiosa¹⁵ geram em favor da adesão a uma vida leiga e a influência da literatura secular francesa consumida no Convento das Mercês¹⁶. Freitas assevera essas proposições,

¹¹ SALES, João Vitor Araújo; SOUSA NETO, Marcelo. Jurisdição e subordinação: tentativas de provincialização da Igreja no Piauí (1822-1830). Revista **Maracanan**. n. 23, p. 184-205, jan.- abr. 2020. DOI: 10.12957/revmar.2020.40213. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/40213>. Acesso em: 1 jul. 2023

¹² CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CARDOSO, Elizangela Barbosa. HOMENS DE DEUS: sacerdócio católico e masculinidades no Piauí no século XIX. **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 249, 2020. DOI: 10.18817/ot.v17i29.761. Disponível em:

https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/761. Acesso em: 1 jul. 2023

¹³ QUEIROZ, 2011, op. cit., p.77.

¹⁴ NERIS, Wheriston Silva. A produção do corpo sacerdotal no Bispado Do Maranhão (XIX). **Outros Tempos**, v. 8, n. 12, p.27. Disponível em:

https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/download/50/36/158. Acesso: 3 jul. 2023

¹⁵ Em linhas gerais, a Questão Religiosa foi um conflito ocorrido no Brasil na década de 1870 entre a Igreja Católica e a Maçonaria. Segundo Filho (2015, s/p) “a Questão Religiosa foi um reflexo no Brasil da confrontação que se verificava na Europa entre a Maçonaria e a Igreja Católica Romana. Além disso, envolveu a autonomia da Igreja diante do poder civil, direito que foi tenazmente defendido por D. Romualdo de Seixas, da Bahia, e D. Antônio Viçoso, de Mariana, e, posteriormente, por D. Macedo Costa, do Pará, e outros bispos”. In: PAULO FILHO, Pedro. **Grandes Advogados, Grandes Julgamentos**. São Paulo: Departamento Editorial da Ordem dos Advogados do Brasil-SP, s/p.

¹⁶ QUEIROZ, 2011, op. cit., p.253.

declarando a Cunha que “a vida no seminário, em contato imediato com a hipocrisia e a igreja, me aparecia agora sob outro aspecto, despertando-me desse sono invernal em que me engolfaram a educação e a ignorância”¹⁷. Ao abandonar a profissão religiosa, Clodoaldo Freitas direciona sua atenção para o estudo da jurisprudência, logrando êxito nas provas de acesso à Faculdade de Direito do Recife, recinto responsável pela propulsão da vertente literária anticlerical no Piauí durante o câmbio para o século XX¹⁸.

No ambiente acadêmico de Pernambuco, o anticlericalismo prático desenvolvido por Clodoaldo Freitas em São Luís é encorpado por um conjunto de textos de caráter cientificista e positivista que consolidariam uma leitura de mundo pautada na decodificação da realidade a partir da razão. Segundo conta o próprio o literato em entrevista concedida a um periódico de Belém, em 1916, a temporada recifense fora de fundamental importância na expansão do arcabouço teórico que fundamentou sua escrita como um eco do livre-pensamento piauiense. Assim, Freitas destaca que:

No Recife, em centro mais vasto, dedicando-me a estudos mais sérios e profundos, atirei-me à filosofia, à literatura, à história e à crítica religiosa, lendo, sem método, mas lendo muito, todos os livros que encontrava, tomando conhecimento com os grandes pensadores e poetas de todos os tempos. Pouco me ficava dessa leitura desordenada. Quando, porém, me pus em contato com Büchner, a Ciência das religiões de E. Burnouf, as Origens dos cultos de Dupuis, com Spencer, Proudhon, Stuart Mill, Vogt, Lubbock, Tylor e outros, minhas ideias se acentuaram no sentido materialista. No meu 5º ano, já em proveitoso e íntimo contato com Clóvis Bevilacqua e Martins Júnior, encontrei em Emilio Littré um guia esclarecido, que me dominou por algum tempo. Fui, então, positivista heterodoxo. Foi o belo tempo de combatividade da *Ideia Nova*, onde os dois grandes e queridos amigos, Artur Orlando e eu, agitamos o ambiente, sempre agitado pela ebulição de todas as ideias da gloriosa Academia¹⁹.

Considerando as memórias de Freitas, é possível flagrar que, se a observação dos comportamentos eclesiais inadequados agiu em favor do desencantamento com a instituição católica, as leituras empreendidas no Recife concedem a Clodoaldo Freitas um arcabouço teórico que justificaria a sua oposição à Igreja através da identificação das religiões como um conjunto de ideologias fantasiosas a serem apartadas do exercício civil, conforme

¹⁷ CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas: sua vida e sua obra. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: s/d, p.31.

¹⁸ QUEIROZ, 2011, op.cit., p.221.

¹⁹ FREITAS, Clodoaldo. O ilustre polígrafo Clodoaldo Freitas fala ao Diário. **O Diário**, Belém, ano 2, n. 282, 20 fev. 1916.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

preconizado pelas vertentes do positivismo ortodoxo brasileiro²⁰. Assim como muitos outros bacharelados de sua geração, Freitas operacionaliza esses aportes epistemológicos em favor da propaganda naturalista que contestava o conservadorismo contemporâneo, balizado em grande medida pelas explicações supersticiosas de natureza teológica²¹.

Ladeado por Higino Cunha, José Isidoro Martins Júnior e Clóvis Bevilaqua, também influenciados pela perspectiva progressista, Clodoaldo Freitas passa a militar ativamente em favor da expansão do livre-pensamento e da elevação de uma sociedade balizada pelo letramento e pelo conhecimento científico, utilizando a escrita como forma privilegiada de divulgar o modelo de pensamento comungado entre ele e seus colegas. Não se limitando ao ambiente da Faculdade de Direito, esses temas são retomados e expandidos na produção literária desses intelectuais nos anos que se seguem às suas respectivas colações de grau²².

A partir de 1880, ano em que Clodoaldo Freitas finaliza o curso jurídico, as obras do erudito de Oeiras continuavam a privilegiar como objetos centrais as “propostas de explicações científicas do mundo, lutas visando à democratização de país, explicações naturais acerca do homem e da sociedade, participação em polêmicas anticlericais, bandeiras do abolicionismo e do republicanismo”²³. Dentre essas agendas, a defesa da República acabara por unificar as outras ânsias intelectuais de Freitas, partindo da defesa desse modelo de regime como a garantia de um bem-estar comum assegurado pela viabilização da liberdade e da cidadania aos brasileiros. Dessarte, no período que antecedeu à Proclamação da República, Freitas se converteu em um dos principais defensores do sistema republicano no Piauí, idealizando-o como mecanismo capaz de, entre muitas coisas, limitar a influência da religião através da instauração da laicidade do Estado e do não financiamento de atividades clericais²⁴.

Guardando os ensinamentos do Dr. José Joaquim Tavares Belfort, lente²⁵ de Direito Eclesiástico, sobre os ministros da Igreja, Clodoaldo Freitas entendia que o clero regular, bem como seus conventos e abadias, eram “antros de imoralidade, e uma decrepitude no ponto de vista social e religioso”²⁶, sendo fundamental restringir o poder e a autoridade desses indivíduos

²⁰ LACERDA, Gustavo Biscaia de. A “teoria do Brasil” dos positivistas ortodoxos brasileiros: composição étnica e independência nacional. *Política e Sociedade*, v.16, n.35, p. 273. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2017v16n35p271>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/issue/view/Pol%C3%ADtica%20%26%20Socied%20ade>. Acesso: 3 jul. 2023.

²¹ QUEIROZ, 2011, op.cit., p.97.

²² Ibid., p. 99.

²³ QUEIROZ, 2011, op.cit, p. 100.

²⁴ FREITAS, 1996, op. cit., p.179.

²⁵ Nomenclatura destinada aos professores universitários durante o século XIX.

²⁶ QUEIROZ, 2011, op.cit., p.96.

no cotidiano das comunidades que percorriam o caminho rumo à civilização. Dessa forma, Freitas ensaia uma interpretação idílica da República, descrita como a salvação de um país atrasado e cooptado pela ignorância e o subletamento.

A utopia republicana, porém, foi traída pelos governos que se organizaram a partir da derrocada monárquica e do advento do presidencialismo. De profeta do progresso, Clodoaldo Freitas transmutou-se em um dos muitos exemplos possíveis de desencanto com o governo precipitado pelos que se assentaram após o 15 de novembro de 1889. No Brasil, as aspirações de uma República dos sonhos, pautada nos princípios franceses de liberdade, igualdade e fraternidade, foram implodidas pela realidade de um sistema que se afastava muito pouco dos modelos políticos praticados ainda na época do Império. O coronelismo, o compadrio no exercício do poder e a elitização dos direitos civis minavam os projetos de um país onde a cidadania deveria alcançar os mais recônditos espaços, trazendo à luz do esclarecimento todos os homens.

Considerada por Freitas como uma “tirania turca”, o modelo de governo nacional resguardava as características de uma autocracia à medida em que perpetuava a centralidade do poder e excluía o povo do exercício democrático através da “negação da cidadania, na negação do direito ao voto popular, na impossibilidade de livre escolha de seus representantes”²⁷. A partir dessas constatações, Clodoaldo Freitas passa a recriar discursivamente um Estado perfeito em tributo às influências intelectuais que possuía e às visões de mundo em que acreditava. Assim, o literato empreende uma pedagogia social através de seus escritos, buscando denunciar os excessos e limitações de uma República que não foi e ofertar possíveis caminhos para a garantia plena dos direitos democráticos defendidos por ele.

No concerto discursivo do Brasil, a narrativa anticlerical também encontra espaço. Sendo adepto da dessacralização do cotidiano social, Clodoaldo Freitas encorajava não somente a adoção de posições neutras em relação à religião por parte do corpo político nacional, como buscava expandir o livre-pensamento para um público cada vez maior, utilizando sua produção escriturística como “uma arma contra as tradições, os privilégios e os mitos teocráticos, fundados numa concepção teocêntrica, considerada, agora, não racional, mas irracional”²⁸. Nesse sentido, dentre os trabalhos de Freitas que dão uma atenção mais incisiva para a relação entre a Igreja e a sociedade está o livro *Em roda dos fatos*, que apresenta uma crítica ao

²⁷ QUEIROZ, Teresinha. Clodoaldo Freitas e a republicanização da política. In: QUEIROZ, Teresinha. **História, Literatura e Sociabilidades**. Teresina: EDUFPI, Academia Piauiense de Letras, 2015, p.25.

²⁸ PINHEIRO, 2001, op. cit., p. 101.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

catolicismo realizado em teor ácido e satírico, orientando sua atenção, especialmente, acerca da figura dos frades, descritos reiteradamente a partir de achincalhes como “obcecados” e “inúteis”, “homens sem pátria, prontos para combater a liberdade”²⁹.

Lançando mão de um anticlericalismo de natureza jocosa, onde há a retratação dos hábitos dos eclesiásticos de forma negativa³⁰, a figura dos frades é constituída como forma de posicioná-los como uma ameaça para a moral pública, justificando sua expulsão do meio social brasileiro como método de elevação cultural da Pátria. Metodologicamente, a narrativa de *Em roda dos fatos* concentra os prejuízos decorrentes das atividades dos clérigos em torno de duas chaves de leitura complementares, sendo a primeira delas a identificação desse religioso como um indivíduo incoerente e hipócrita, capaz de minar o avanço da ciência através do discurso religioso e a segunda, por sua vez, como um agente do papismo, doutrina que colocaria a obediência ao papa acima da obediência à constituição republicana. Desenhado sob a ótica da incoerência, o frade ganha dentro de *Em roda dos fatos* os contornos de uma entidade sombria, o oposto de tudo que Freitas acreditava ser o progresso e a evolução da República que defendera com afincos desde a época estudantil.

264

Entre “lombrigas” e “parasitas”: a jocosidade do frade em Clodoaldo Freitas

A confecção das catilinárias reunidas em *Em roda dos fatos* se localiza em um tempo que testemunhou a efervescência dos embates travados entre os anticlericais piauienses, ligados à Maçonaria, e a militância cristã, congregada em torno de jornais católicos como *O Apóstolo*. Louvando as explicações do mundo guiadas pela razão, os livres-pensadores entendiam que sustentar suas posições ideológicas simbolizava reorganizar os espaços de poder dentro da comunidade local, ainda carregada de costumes provincianos³¹.

Ao propor uma narrativa que destronava os deuses, os eruditos da maçonaria ambicionavam, através da legitimação a ciência como um novo paradigma social, o reconhecimento enquanto produtores do saber e da verdade, apanágio historicamente concedido aos membros da Igreja³². Descrevendo a oposição dessa parcela ilustrada contra o domínio católico sobre as mentalidades de sua época, Áurea Pinheiro denota que:

²⁹ FREITAS, Clodoaldo. Em frente ao abismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p.142.

³⁰ RÉMOND, René. *L' anticléricalisme en France de 1815 à nos jours*. Bruxelles: Ed. Complexe, 1985

³¹ PINHEIRO, 2001, op. cit., p. 110.

³² Ibid, p. 107.

A Igreja Católica passou a ser questionada em seu poder econômico (imensas riquezas), bem como em seu poder político e dogmas. Era questionada a sua posição de guardião de uma ideologia -o cristianismo - e o seu poder de exprimir e inculcar idéias. Era questionado o seu papel de mediadora entre Deus e a população; enquanto especialista do saber, como detentora de uma verdade única, inabalável. Nesse contexto, os livres-pensadores e anticlericais entravam em conflito com a Igreja, cujas idéias e práticas, para eles, dificultavam o livre exame e disseminavam a ignorância, a superstição, impediam o progresso e o desenvolvimento da civilização³³.

À medida que o discurso de oposição entre o conhecimento e fé se expandia, cristalizando ambos os conceitos como opostos entre si, a figura dos clérigos ganhava contornos quase animalescos dentro da literatura anticlerical, evocando uma aura de irracionalidade e cegueira intelectual³⁴. Essa estratégia de estereotipização como forma de construir uma imagem repulsiva da Igreja foi adotada pelos anticlericais piauienses com o intuito de atingir uma população de instrução média, não habituada com os debates epistemológicos mais sofisticados³⁵. Objetivando alcançar uma parcela maior da população local, esses textos eram veiculados em formato de folhetim, apresentando:

[...] Críticas grotescas, visando à ridicularização das pessoas. Por sua vez as censuras eram feitas ao comportamento social dos religiosos, onde o ridículo e o grotesco se mesclaram e davam uma cor nebulosa à reputação do clero católico. Eram deformações, sátiras. Nos folhetos estavam presentes temas como a cupidez, lubricidade, hipocrisia, ingenuidade, burrice, gula, exploração dos fiéis; bem como o luxo das igrejas, palácios e habitações. Todas essas características eram atribuídas aos religiosos católicos e à instituição eclesiástica.

Em conjunto com outros maçons de sua época, Clodoaldo Freitas colabora na divulgação da representação negativa dos religiosos católicos durante a primeira década do século XX, orientando seus esforços literários no sentido de delatar os comportamentos heterodoxos do clero e a persistência dos privilégios da Igreja em um Estado laico. Nesse sentido, a obra *Em roda dos fatos* corresponde a uma das mais robustas contribuições de Clodoaldo Freitas no que concerne à crítica eclesiástica, sendo possível não somente flagrar os ressentimentos do cronista com uma República ainda bastante pigmentada pela interferência do pensamento teológico, mas, também, como Freitas delimita a figura do agente clerical, elegendo

³³ Ibid.

³⁴ SANTOS, Cristian. **Devotos e devassos**: a representação dos padres e das beatas na literatura anticlerical brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 61.

³⁵ PINHEIRO, 2001, op. cit., p. 107.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

o frade como destinatário privilegiado de suas repreensões. Tema recorrente nos artigos do livro de 1911, o capítulo *A República e a Igreja* é uma amostra do tratamento dispensado a essa parcela religiosa pelas letras de Clodoaldo Freitas.

Para o escritor, o frade é a representação do parasitismo social, sustentando-se através da venda de falácias e superstições para os crentes, sujeitos sobre os quais as religiões tem “forte e incalculável predomínio”³⁶. Sob o epíteto de “lombrigas”, o baixo clero é destacado como subsistindo através da ignorância dos fiéis que, sem questionar, custeiam suas obras e dão crédito para o que dizem. Feroz opositor de um conhecimento sem bases lógicas, Clodoaldo Freitas aponta que os frades nada tem a acrescentar ao engrandecimento das almas que neles depositam fé e esperança. No outro capítulo intitulado *Em frente do abismo*, Freitas ratifica as proposições elencadas em *A República e a Igreja*, afirmando que as irmandades “não trazem uma mínima vantagem, uma indústria, uma arte, uma ciência e a própria religião, que pregam e ensinam, é uma religião cheia de superstições, é um mal, verdadeira calamidade pública, uma ameaça perene contra a família e contra a pátria”³⁷.

Partindo do pressuposto de que o Estado não deve patrocinar nenhuma iniciativa de caráter espiritual, o autor se coloca contrário à cooperação das autoridades nacionais em trazer para o Brasil ordens freirais, que, uma vez aqui, ficam livres a pregar uma doutrina mística, sem parâmetros científicos, considerando essa atitude como prejudicial para os seus compatriotas, uma vez que os clérigos estrangeiros subsistem da “exploração religiosa, concorrendo para a propagação do fetichismo pagão já tão radicado entre nós”³⁸. Em acordo com a posição de Clodoaldo Freitas, é possível inferir que o escritor busca caracterizar o catolicismo como uma instituição errática, que age mais em favor de seus ministros do que em benefício da salvação das almas.

Concentrando seus esforços em construir uma imagem pautada na hipocrisia religiosa, a propaganda anticlerical de Clodoaldo Freitas incorpora a perspectiva de distensão do frade como representante do universo divino, buscando romper narrativamente com a ideia de íntima ligação entre o frade e o plano divino, maculado pelas ações heterodoxas praticadas por essa classe ministerial. Conhecido pela ironia de suas proposições, Freitas afirma que “Deus, decerto, não é o frade” e, portanto, “ser contra o frade não é ser contra a religião”, assertiva que simboliza mais o intento de descreditar o missionário como enviado celeste que uma chancela

³⁶ FREITAS, Clodoaldo. *A República e a Igreja*. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 181.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*, p. 179.

ao pensamento teológico³⁹. Ao abraçar essa interpretação, Clodoaldo Freitas coaduna com o espírito geral dos livres-pensadores de sua geração, grupo que vislumbrava os sacerdotes de modo geral como “adulteradores da doutrina da humanidade, [que] estavam sempre a criar a discórdia, transformando os preceitos defendidos pelo ‘carpinteiro da Galiléia’”⁴⁰. Os clérigos, dessa forma, seriam apresentados pela propaganda anticlerical como os principais responsáveis pela fragilidade nas bases do pensamento católico na modernidade, sendo a articulação dos livres-pensadores somente uma rede de denúncia contra uma estrutura já condenada pelas ações dos membros que a abalaram de dentro para fora.

Seguindo esse consenso, Clodoaldo Freitas associa o frade de *Em roda dos fatos* como um elemento que se encontra cada vez mais distantes dos ensinamentos de Cristo. Nessa direção, Clodoaldo Freitas destaca que:

O frade não nos traz a palavra divina: traz a sacola. O óbulo do crente não é destinado a fins religiosos: é destinado a fins particulares. O padre já não prega a doutrina cristã: prega o insulto pessoal, a calúnia, o ódio, a política. Cristo figura nos altares numa víscera e a coroa de espinhos, que lhe flagelou a cabeça, foi transferida para o seu coração. [...] O perdão das injúrias, a humildade, o amor do próximo deixaram de ser virtudes cristas⁴¹.

Através da “diabolização” dos pretensos emissários do Paraíso, Clodoaldo Freitas justifica a urgência de combater a influência da ideologia dos frades entre os cidadãos brasileiros, oposição que deveria ser realizada, também, pelos governantes brasileiros, representantes de um regime que deveria ser “essencialmente ateu”⁴². Buscando formatar uma pedagogia da República laicizada, Clodoaldo Freitas cita o Chile e a Argentina como modelos de sistemas democráticos eficientes na repulsão das hordas clericais, massa que, segundo ele, o Brasil abriga inadvertidamente, não atentando para “as consequências funestas que, fatalmente, sobrevirão para nossos descendentes e nossa pátria”⁴³. Para Freitas, os exemplos latino-americanos são dignos de imitação, pois, ao albergar frades, freiras e suas respectivas companhias em solo nacional, o país incorria no perigo de perder a autonomia de suas instituições, ainda forcejando para obter autonomia e legitimação popular.

Essa noção de perigo nacional advém da constatação de que as congregações clericais não agem de forma independente entre si, mas que atuam em obediência a um local comum de

³⁹ Ibid, p. 181.

⁴⁰ PINHEIRO, 2001, op. cit., p.116.

⁴¹ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 181.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid, p.180.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

autoridade: o papado romano. Curvando-se a um governante estrangeiro, o frade seria visto como a antítese do cidadão uma vez que abdicaria de sua independência a propósito de sujeitar-se à vontade do Sumo Pontífice. Ao retrato do frade inculto e pernicioso, aliar-se-ia a imagem do clérigo como um símbolo do papismo, a subordinação completa ao arbítrio do papa, doutrina incompatível com os pressupostos de uma República que, para Clodoaldo Freitas, deveria consagrar a plena liberdade de consciência, de culto, o casamento secular e a instrução leiga.

“O frade é um elemento anarquista”: contraposições entre o frade e a cidadania.

Para considerável parte dos livres-pensadores, “a maneira mais eficaz de afastar o perigo clerical era defender as conquistas liberais”⁴⁴. Partindo da alegoria de contraposição entre luz e sombra, os anticlericais defendiam que o decréscimo do obscurantismo religioso seria proporcional ao aumento da liberdade civil, fator fundamental para assegurar o progresso social. Desse modo, seria fundamental resguardar a República democrática do avanço da agenda cristã, garantindo a vitória do liberalismo sobre o conservadorismo de matriz teológica. Estampando uma estratégia discursiva, ao criar uma relação entre a sujeição e a Igreja, os anticlericais republicanos, paralelamente, afixam-se como uma alternativa viável ao domínio de uma ideologia que aprisiona, aumentando a aderência a sua causa.

Clodoaldo Freitas destaca-se que entre os intelectuais que pertencem a essa corrente de pensamento. Em *A República e a Igreja*, Freitas redige um atestado de incompatibilidade entre o governo democrático e a instituição católica. É nessa perspectiva que o autor retoma sua objeção ao frade, proposto, agora, como um “anarquista” que subverte a autonomia do Estado e do homem em prol da Igreja⁴⁵. Sua alegação reside na contraposição entre os princípios seguidos pelo cidadão brasileiro, notadamente constitucionais, e as ordens seguidas pelo frade, resultado não de um exercício intelectual, mas da vontade do papa. Lançando mão da análise cruzada entre a Constituição do Brasil de 1891 e o *Syllabus Errorum*, um “decreto da igreja, de jurisdição universal [...]” que “[...] firma o princípio irrevogável da soberania universal da igreja”⁴⁶, Freitas destaca a repulsão mútua entre o conteúdo de cada um dos documentos, relatando que, dessa forma, seria incompreensível que um romanista chamasse a si de republicano e vice-versa⁴⁷.

⁴⁴ PINHEIRO, 2001, op. cit., p.117.

⁴⁵ FREITAS, Clodoaldo. O perigo negro. In: FREITAS, Clodoaldo. **Em roda dos fatos**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 144.

⁴⁶ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 180.

⁴⁷ Ibid, p.179.

Ao passo que a Constituição de 1891 representava uma tentativa de adequar a surgente sociedade republicana a um modelo de organização de caráter liberal, que o tempo demonstrou mais discursiva do que real⁴⁸, o *Syllabus*, que corresponde a um apêndice da encíclica *Quanta Cura*, promulgada em 1864 pelo papa Pio IX, simbolizou uma tentativa do papado romano em frear os avanços do racionalismo absoluto e dos comportamentos considerados inadequados à moral pública e à propagação da fé, tais como a separação entre cônjuges, o casamento civil e o livre culto, capazes de modificar os *status quo* das sociedades contemporâneas, movendo-as para longe do magistério e da doutrina da Igreja Católica⁴⁹.

Na literatura de Clodoaldo Freitas, o *Syllabus* representa um eco do que ele chama de papismo, que é a tentativa de sobrepor a autoridade do Sumo Pontífice acima das leis do Estado. Para o bacharel-literato, embora o poder temporal do papa já tenha sido vencido em seu reduto de origem, Roma, pela dissolução dos Estados Pontifícios durante o processo de unificação da Península Itálica, o poder simbólico do Vigário de Cristo sobre seu rebanho ainda se verifica bastante ativo em nível mundial, efeito da campanha de conservação do prestígio religioso encabeçado pelos frades. O papismo, nesse contexto, corresponde a uma alcunha usada por Freitas para se referir ao movimento ultramontano, ação católica que arquitetava a submissão das ações maiores e menores das paróquias, prelazias e episcopados à comunhão com a vontade da Diocese de Roma⁵⁰.

Ao esmiuçar as proposições das duas cartas, o autor destaca as diferenças entre o projeto de sociedade ensejado pela Santa Sé e aquele defendido pelos entusiastas da República, ressaltando a incongruência dos ditames católicos com o convívio civil lastreado pela filosofia liberal ao afirmar que:

O artigo 72 da Constituição consagra: a liberdade dos cultos, o casamento civil, o ensino leigo, a igualdade das confissões religiosas, a liberdade de pensamento, a liberdade de consciência, a liberdade de imprensa. O *Syllabus* condena: a liberdade de cultos, o casamento civil, o ensino leigo, a tolerância religiosa, a liberdade de pensamento, a liberdade de consciência, a liberdade

⁴⁸ LYNCH, Christian Edward Cyril; NETO, Cláudio Pereira de Souza. O CONSTITUCIONALISMO DA INEFETIVIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE 1891 NO CATIVEIRO DO ESTADO DE SÍTIO/ THE INEFFECTIVENESS OF CONSTITUTIONALISM: THE CONSTITUTION OF 1891 IN JAIL OF THE STATE OF SIEGE. *REVISTA QUAESTIO IURIS*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 87, dez. 2012. ISSN 1516-0351. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/9874/7736>>. Acesso em: 15 ago. 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/rqi.2012.9874>.

⁴⁹ PIO IX, Papa. *Quanta Cura - sobre os principais erros da época*. (1864). Disponível em <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantacura&lang=bra>. Acesso em: 05 jul. 2023.

⁵⁰ VIEIRA, Dilermando Ramos. A implantação da reforma eclesial ultramontana. In: VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do Catolicismo no Brasil*: volume I. São Paulo: Editora Santuário, 2016, p.218. *Humana Res*, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 256 – 272, agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

de imprensa. Pela Constituição, a soberania da nação emana do povo e a nação não reconhece poder algum superior; pelo Syllabus, o supremo poder do Estado é o Papa, representante terrestre de Deus; pela Constituição, só imperam as leis do país; pelo Syllabus, as leis universais são as da igreja⁵¹.

Apontando a oposição entre o catolicismo e a democracia regida por princípios constitucionais, Clodoaldo Freitas permite inferir que cada um desses sistemas, pela extrema oposição entre si, possui a capacidade de mitigar a autoridade e os princípios básicos do regime rival. Em seu discurso, é possível perceber que a Igreja e a sociedade civil mantêm uma relação paradoxal entre si, característica presente no livro como um todo como um artifício que permite a fuga de explicações de cunho maniqueísta⁵². Nas palavras de Freitas, “República e catolicismo são termos que se repelem, porque não há República sem liberdade e não há liberdade com catolicismo”⁵³. No caso do cristianismo romano, a obediência ao papa tem a capacidade de comprometer a legitimidade das instituições democráticas, pois o católico, para Clodoaldo Freitas, “coloca as coisas do céu acima das coisas da terra, as coisas divinas acima das coisas humanas. [...] O chefe do católico é o Papa e não o chefe de Estado”⁵⁴.

Desse modo, ao atestar a incompatibilidade entre os dois regimes, o papismo e a República, Clodoaldo Freitas destaca a necessidade de seus compatriotas manterem vigilância constante com o intuito de podar os possíveis excessos cometidos pela parcela religiosa contra a condição laica da sociedade civil. Essa sentinela se dirige, especialmente, ao frade, integrante destacado do organismo de sufocamento da liberdade em nome do Pai, já experienciado no exterior. No fascículo *Em frente ao abismo*, o frade surge como o “escorraçado”, degredado de um continente, a Europa, pela rebeldia contra as “leis pátrias”, conjunto legislativo que, uma vez no Brasil, ele também não pretende seguir⁵⁵.

Nos apontamentos de Freitas, Clodoaldo Freitas se debruça na discussão acerca dos limites da liberdade religiosa constitucional, entendida como um direito que não pode ultrapassar a preservação do “bem público” e da moral social. Embora reconheça que Carta de 1891 garanta o livre-culto, o cronista deflagra a pertinência de inspeções policiais em cerimônias religiosas a fim de diagnosticar se seus pressupostos teológicos não feriam a sustentação jurídica e epistemológica do regime republicano⁵⁶.

⁵¹ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 179.

⁵² QUEIROZ, Teresinha. Homo Sum. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p.14.

⁵³ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 182.

⁵⁴ Ibid., p. 180.

⁵⁵ FREITAS, Clodoaldo. Em frente ao abismo. In: FREITAS, 1996, op. cit., p.142.

⁵⁶ Ibid., p. 141.

Inconformado com o espaço aberto pelas lideranças republicanas para a atuação freiral, Clodoaldo Freitas, repreende os responsáveis pela administração pública do país, afirmando que esses não podem colaborar com o desenvolvimento do papismo sem incidir no crime de lesa-pátria. Para ele,

Os responsáveis pela administração pública, sem traírem a pátria, não podem cooperar pelo desenvolvimento do papismo. Também não podem, sem trair a igreja, fazer ostentação de religiosidade, aderindo aos preceitos constitucionais. Podem ter suas crenças católicas, limitadas aos recônditos do lar, recalçadas nas suas consciências, onde ninguém pode penetrar. Mas não podem pretender conciliar e procurar manter, propagando-os, desenvolvendo-os, princípios tão antagônicos, fundamentalmente contraditórios, irredutíveis, que são a essência das próprias instituições⁵⁷.

Utilizando desses fundamentos, o literato sustenta a tese de que só é possível a um cristão ser verdadeiramente adepto da República se abdicar da obediência integral que mantém em relação ao *Syllabus*, ao papa, ao frade e a tudo o que eles representam, pois “[...] o crente não deve esquecer que é cidadão, [que] tem deveres para com sua pátria”⁵⁸. Ao longo de toda a sua meditação, denota-se que Freitas prepara uma pedagogia do bom cidadão, defendendo não somente o sistema de governo republicano, mas indicando como o seu povo pode contribuir para a prosperidade de um regime que, para o bacharel, tem como destino a ordem e o progresso.

Entre a fé e a liberdade, Clodoaldo Freitas adverte que a confiança nas instituições liberais é a aposta mais segura tendo em vista que, retomando a descrição do catolicismo como uma criação humana, “muitas vezes a crença é um fato artificial, originário da ignorância e de uma educação defeituosa”⁵⁹. Para o anticlerical de Oeiras, enquanto o brasileiro deixar-se seduzir pelas elocubrações das “aves noctívagas e agourentas”⁶⁰ que repetem, sem consciência, o nome de um Cristo esvaziado pela transgressão de sua própria Igreja, a República como morada perene da cidadania continuará a ser um projeto que habita mais a mente de seus idealizadores que a realidade de seus viventes.

Considerações finais

⁵⁷ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 180.

⁵⁸ Ibid, p. 181.

⁵⁹ FREITAS, Clodoaldo. A República e a Igreja. In: FREITAS, 1996, op. cit., p. 181..

⁶⁰ FREITAS, Clodoaldo. Em frente ao abismo. In: FREITAS, 1996, op. cit., p.141.

“NA REPÚBLICA, ANARQUISTA É O FRADE”: A REPRESENTAÇÃO DO FRADE CATÓLICO NO LIVRO *EM RODA DOS FATOS* (1911), DE CLODOALDO FREITAS

Descrito por Clodoaldo Freitas como o mensageiro da ignorância e do papismo, a representação do frade católico encontrada na obra *Em roda dos fatos* é um atestado de seu tempo e das conjunturas políticas que o circundavam. Valseando por entre ofensas e acusações, o frade dos textos do quase padre Freitas é, antes de ser sujeito, um discurso. Em um cenário onde a República se esfacelava pela ingerência daqueles que honraram defendê-la como o baluarte do progresso e da cidadania, as batalhas literárias travadas pela escrita inquieta de um bacharel-literato representam as frustrações as tentativas de erigir a democracia verdadeira e idílica sobre os escombros de discursos passados e esquecidos.

Na intenção de republicanizar a República, Clodoaldo Freitas ensaiou uma pedagogia coletiva que valorizara a ciência em detrimento da fé e que consumava a razão como a lente que desmistificaria o mundo, ressignificando-o à luz dos cânones da epistemologia naturalista. Em face da crença transcendental e pretensamente ilógica que animava o numeroso rebanho de fieis ainda dóceis ao báculo romano, a figura do frade foi apropriada como a *persona non grata* do liberalismo civilista, um representante de uma velha ordem que, forçosamente, se arrastava para um presente que não mais o pertencia. Dos dias de intrigas entre anticlericais e devotos, a obra de Clodoaldo Freitas permaneceu como o retrato de uma era marcada pelos rearranjos de uma sociedade que, sobre bases provincianas, buscava se lançar ao futuro.